

COLÉGIO INTERNACIONAL DE SÃO BERNARDO ORDEM CISTERCIENSE

Prof. Daniel HOMBERGEN, OCSO

**LITERATURA MONÁSTICA LATINA
DOS PRIMEIROS SÉCULOS**

II ANTOLOGIA DOS TEXTOS

Curso de Formação O.Cist.
(Pro manuscrito)

Cúria Geral da Ordem Cisterciense
Roma 2003

LITERATURA MONÁSTICA LATINA DOS PRIMEIROS SÉCULOS

1. Atanásio

Vida de Antônio, Prólogo [cf. a primeira tradução latina de 360, aproximadamente]

Trad. Italiana: P. CITATI / S. LILLA in G. BARTELINK, *Vita di Antonio*, Vite dei Santi I, Milano (Lorenzo Valla / Mondadori) 1991⁵ (1974), pp. 5-7.

No prólogo, Atanásio se dirige a uma comunidade desconhecida que mostrou grande interesse em ouvir mais sobre Santo Antônio. Muito provavelmente trata-se de uma comunidade ocidental do ambiente onde Atanásio passou um dos seus exílios.

Começa a vida de Santo Antônio anacoreta, escrita por São Jerônimo padre¹.

1. Nobre é a disputa que empreendestes com os anacoretas do Egito: tornar-se semelhante a eles, ou mesmo superá-los, se isso é possível, com o exercício das vossas virtudes. Em torno de vós já existem anacoretas (*monges*), e o próprio nome entrou no uso cotidiano. Por isso talvez será louvada a razão da vossa maneira de viver (*propositum*), e Deus a levará a termo graças às vossas orações. 2. Mas já que me deixastes um pedido, desejosos como estáveis de conhecer a vida que conduziu (*conversatio*) Antônio, de santa memória – de que modo começou a exercitar-se no serviço de Deus, quem era antes de iniciar esse exercício, qual consumação teve a sua existência e [se] são [verdadeiras] as coisas que são narradas sobre ele –, para poder rivalizar com ele, ouvindo a narrativa inflamada de seu santo ardor (*zelus*), obedeci à vossa ordem com pronto e grande zelo (*voluntas*). 3. Grande é o proveito que disso eu tiro, ainda que me limite a fazer memória de Antônio. Sei que também vós, escutando-me, admirareis o homem, e com isso disputareis a vida: o seu é, de fato, um exemplo adequado para a ascese (*studium*) dos anacoretas (*monges*). A vida de Antônio que tendes escutado de quantos vos

¹ Atribuição incorreta. A primeira tradução da Vida de Santo Antônio é anônima.

narraram dele, vós por isso tomai-a por verdadeira, e antes crede que escutastes muito pouco, já que aqueles homens dificilmente puderam narrar [uma história assim tão grande]. 4. Também eu poderei confiar à lembrança apenas uma pequena parte deles, dadas as tantas coisas que a mim coube exprimir na carta que, persuadido por vós, estou para vós escrevendo. Vós, de outra parte, não cessais de interrogar aqueles que se juntam a vós pelo mar (*eos qui ad vos navigant*), na esperança de que possa nascer uma narração digna da sua vida e da sua conduta (*conversatio*), se cada um disser o que sabe. Recebida a vossa carta, gostaria que viesse até mim um dos eremitas (*monges*) que vós costumáveis visitar continuamente, para poder escrever-vos de modo mais completo sobre a vida, depois que tivesse aprendido mais coisas dele. 5. Mas, já que estava próximo o momento da partida do navio², (*tempus navigationis conclude[bat]*) e o leitor da carta tinha pressa de retornar a vós, apresso-me em escrever para a vossa santidade as coisas que eu mesmo conheço – [apresentadas por aquele que visitou] assiduamente, e vertia água de suas mãos – : sempre procurei dizer coisas certas e verdadeiras, a fim de que a exuberância e a ênfase da narração não gerem incredulidade ao contar, nem o suavizar dos fatos induza os leitores a desprezar um homem tão grande.

2. Jerônimo

Epistula 22 (ad Eustochium) [383-384]

Tradução italiana (com poucas mudanças): S.COLA, *San Girolamo: Le lettere I (Lett. 1-52)*, Roma (Città Nuova) 1996 (1962), pp. 191-192.

Na Roma do ano 383-384 (portanto antes que ele se estabelecesse definitivamente em Belém) Jerônimo, recordando as suas experiências no deserto siríaco, entre 375 e 379, escreve uma longa carta a Eustóquia, filha de Paula, para exortá-la à virgindade. Em uma passagem famosa (22,7) confessa as próprias misérias que viveu na luta contra as tentações. Um trecho autobiográfico de

² Tradução talvez inexata. Melhor seria: “Uma vez que a temporada da navegação estava por terminar”. O período de inverno estava próximo, no qual a navegação sobre o Mar Mediterrâneo era impossível. Essa interpretação do texto faz entender melhor a pressa que tem Atanásio por terminar um livro inteiro!

Jerônimo, que trata da experiência concreta, é interessante colocar em paralelo com o ideal hagiográfico do “asceta perfeito”, como o encontramos, por exemplo, nas Vidas de Paulo, de Ilarião e de Malco.

7. Quantas, quantas vezes, também habitando neste imenso deserto, chamuscado por um sol ardente, nesta desolada moradia oferecida aos monges, acreditei verdadeiramente estar no meio da vida alegre de Roma! Estava sentado a sós, com a alma inchada de amargura. O meu corpo, desfigurado como um saco, assustava; a minha pele suja tornou-se preta como a carne de um Etíope. Lágrimas e gemidos todo dia!

Se, não obstante os meus esforços, o sono me assaltava de improviso, juntava todos os ossos deslocados, ali mesmo sobre a terra.

Nem te conto do alimento e da bebida: no deserto também os doentes usam água gelada; um prato quente é uma guloseima!

Eu, entretanto, sim, eu mesmo que me infligi sozinho uma prisão assim tão dura por temor do inferno, sem outra companhia que feras e escorpiões, freqüentemente tinha a impressão de encontrar-me entre meninos dançantes.

O rosto estava pálido pelo jejum, ou também, em um corpo já murcho, o pensamento ardia de desejo; diante da mente de um homem já morto na carne, agitava-se o incêndio da paixão. Desprovido de ajuda, prostrava-me aos pés de Jesus, os banhava de lágrimas, lhes enxugava com os cabelos, domava a carne rebelde com semanas de jejum.

Não me envergonho de confessar estas misérias; se tanto, choro por não ter mais o fervor de outrora.

Recordo: freqüentemente os meus gemidos uniam o dia à noite; não a deixava vencer-me até que, pelas ameaças do Mestre, não retornava a bonança³. Também a cela me dava pavor, quase como se fosse cúmplice dos pensamentos impuros; irritado contra mim mesmo e inflexível, avançava só no deserto. Se descobria um vale profundo, ou uma montanha rachada, ou uma fortaleza em um precipício, lá me refugiava a rezar, lá estabelecia o cárcere para minha carne atormentada.

³ Cf. Mt 8,24.

Mas, o Senhor é testemunha; depois de prantos sem fim, depois de ter longamente o olhar fixo no céu, parecia-me em dado momento encontrar-me entre multidões de anjos; então, exultante de alegria, cantava: “Voltaremos para ti, atraídos pelo perfume dos teus aromas”⁴.

8. Se aos homens fisicamente extenuados pelo jejum, e que por isso têm só a combater os pensamentos, padecem assaltos do gênero, a quais provas não será submetida uma menina⁵ que vive em meio às tentações do mundo? (...)

Epistula 108 (Em memória de Paula) [404]

Trad. Italiana: S.COLA, *San Girolamo. Le lettere 3*, Roma (Città Nuova) 1997, pp. 314-315.

Entre as nobres senhoras romanas no círculo em torno a Jerônimo, a mais importante era Paula. Como muitos ocidentais, Paula decide transferir-se para a Terra Santa, acompanhada pela filha Eustóquia. Por volta de 385, depois de ter visitado os centros monásticos do Egito, fundou um mosteiro feminino em Belém. Pouco depois Jerônimo consegue um lugar para começar uma fundação masculina. Por quase 20 anos viveram assim juntos, na dupla fundação, Paula e Jerônimo. Depois da morte de Paula, em 404, Jerônimo escreveu a carta 108 como elogio à defunta. Leiamos a passagem na qual narra um momento forte, isto é, a partida de Paula de Roma para ir ao Oriente em um navio (108,6).

6. (...) Esqueceu a casa, filhos, empregados, posses, tudo quanto diz respeito ao mundo; incendiava-a o desejo de ir-se, sozinha – se assim se pode dizer – e sem cortejo, ao deserto de Antônio e de Paulo. Em breve, passado o inverno, aberto o mar à navegação⁶, enquanto os bispos retornavam às respectivas Igrejas, ela estava sobre o mar com eles, ainda que só com o desejo e a ansiedade.

Mas por que espero ainda da dizê-lo? Desceu então ao porto, seguida do irmão, dos cunhados, dos parentes e (isto é de maior

⁴ Cf. Cant 1,3.

⁵ Agora Jerônimo se endereça de novo a Eustóquia.

⁶ Ver supra, n. 2.

relevo) dos filhos. Já as velas estavam estendidas e o navio, empurrado pelos remos, conduzia-se ao largo. O pequeno Tozioso, sobre a praia, estendia as mãos suplicantes. Rufina, em idade já de marido, com o seu silêncio quebrado pelos soluços, pedia-lhe para esperar o seu matrimônio. E ela, apesar disso, elevava os olhos ao céu, sem uma lágrima; o seu amor por Deus lhe fazia vencer o afeto pelos filhos. Esquecia a própria maternidade para pôr-se à prova como serva de Cristo. Sentia despedaçar o coração; era como se a alma lhe fosse arrancada dos próprios membros e lutava contra a dor; mas a coisa que mais a tornava admirável era como superava o seu grande amor de mãe. Se há uma crueldade que não tem comparação, quando se cai em mãos inimigas e sob a dura coação do cativo, é precisamente o fado de que os pais são separados dos filhos. É exatamente isso que a sua fé sem limites suportava, contrariando os direitos naturais; antes, a sua alma se alegrava e o desejava; o afeto pelos filhos não a interessava mais, dado o amor mais intenso que sentia por Deus; bastava-lhe Eustóquia, sua companheira de ideal e de viagem, para fazer-lhe encontrar repouso.

3. Egeria

Peregrinação à Terra Santa 3 [por volta de 384]

Trad. Italiana: P. SINISCALCO / L. SCARAMPI, *Egeria: Pellegrinaggio in Terra Santa*, Collana di testi patristici 48, Roma (Città Nuova) 2000⁴ (1985), pp. 50-51.

Reunidos no Sinai, Egeria e os companheiros fazem a subida da montanha santa, como o fazem também hoje peregrinos e turistas. O ambiente em torno ao cume está cheio de monges e de eremitas que se mostram bem dispostos a acolher o grupo de viajantes, e a ser guia para subir a montanha e mostrar todos os lugares de interesse religioso.

3,1. No sábado à tarde, portanto, nos encontramos entre as montanhas e encontramos alguns eremitérios; os monges que ali moravam nos acolheram muito amavelmente, oferecendo-nos grande hospitalidade; naquele lugar se encontra também uma igreja com um sacerdote. Ali permanecemos durante a noite e, no Domingo pela

manhã, em boa hora, com o sacerdote e os monges que ali residiam, começamos a subir, um depois do outro, os montes. (...)

Depois, Egeria descreve as fadigas e o cansaço da empresa, que são superados só pelo mais forte desejo de subir.

2. (...) Para tanto, à hora quarta, alcançaremos o cume da montanha santa de Deus, o Sinai, lá onde foi dada a Lei, ou seja, onde desceu a Majestade do Senhor, no dia em que o monte todo fumegava.

3. Naquele lugar, havia uma igreja não grande, pois o próprio lugar que constitui o cume da montanha não é muito grande. Apesar de tudo, a igreja tem por si mesma uma grande beleza.

4. Quando pois, segundo a vontade de Deus, chegamos até o cume e alcançamos a porta da igreja, eis que veio ao encontro, vindo de seu eremitério, o sacerdote que tinha o encargo de prestar serviço naquela igreja: era um velho venerável, monge desde a sua primeira idade e, como aqui se diz, asceta – que coisa poderei dizer mais? –, uma pessoa digna de estar naquele lugar. Vieram ao nosso encontro também outros sacerdotes e assim também todos os monges que habitavam lá nos arredores do monte, ou ao menos aqueles entre eles que não estavam impedidos pela idade, ou pela saúde debilitada.

5. Na verdade, sobre o cume daquele monte central não reside pessoa alguma: de fato não há outra coisa além da igreja e a gruta para onde se retirou o santo Moisés.

6. Portanto, depois de ter lido a passagem inteira do livro de Moisés, de ter completado a oferta segundo o rito e de termos comungado, ao sair da igreja o padre do lugar nos deu dons consistentes em frutos que se acham sobre o próprio monte. (...)

4. Rufino di Aquileia [também: Rufino de Concórdia, ou: Tirano Rufino]

Tradução latina da *História dos monges no Egito*, Prólogo [até o século IV; trad. 404]

Trad. italiana: G. TRETTEL, *Rufino de Concordia: Storia di monaci*, Collana di testi patristici 91, Roma (Città Nuova) 1991, p.41.

No Prólogo da história dos monges no Egito, o autor desconhecido atesta que habita sobre o santo monte das Oliveiras. É, portanto, um co-irmão de Rufino. Este traduziu a obra em 404, isto é, depois de retornar à Itália. O mesmo Rufino passou vários anos no Egito (374-380), antes de estabelecer-se em Jerusalém (380-397). Conhece os centros monásticos do Egito pela própria experiência. Também o autor anônimo declara que viu com os próprios olhos esses monges, lutando contra os maus pensamentos, sem preocupar-se com as coisas materiais e fazendo prodígios com a força da oração. Leiamos uma passagem próxima ao final do Prólogo:

(...) Eis como estão distribuídos: alguns vivem nas periferias das cidades; outros em campo aberto, a maior parte (e, talvez, os melhores) vivem sozinhos em um eremitério. Fazendo um paralelo, são como soldados do exército celeste, sempre prontos a um primeiro aceno, nas suas tendas, sempre com os olhos voltados ao seu rei para obedecer rapidamente aos seus comandos; combatem com as armas da oração, defendem-se contra o maligno com o escudo da fé, enquanto procuram constantemente o reino celeste. Eis os seus dotes: cheios de bons costumes, tranquilos, serenos, doces, unidos entre si, mas pelo nó indissolúvel da caridade e pelo vínculo semelhante àquele da fraternidade. Rivalizando um com o outro, em nobre disputa para conquistar a virtude, exercitam-se quotidianamente como se estivessem em um campo de combate. Disputam para tornar-se um mais suave que o outro, mais benévolo, sempre mais humilde, sempre mais paciente. Se, pois, há algum que é mais sábio do que o outro, esse torna-se mais simples e mais modesto, de modo a parecer – segundo o mandamento do Senhor – “o menor de todos e o servo de todos”⁷.

Dado que Deus me concedeu o dom inestimável de ter podido vê-lo, de ter podido participar da sua conversação (*conversatio*)⁸, a partir de agora me esforçarei por narrar em seqüência e por gestos

⁷ Mc 9,35.

⁸ *Conversatio*, um termo técnico que equivale ao grego *politeia*, é melhor traduzido por “modo de viver” (subentendida a vida ascética).

aquilo tudo que o Senhor me concede recordar das suas considerações, passando-as em revista um a um. (...)

5. Sulpício Severo

Vida de Martinho 3 [396/397]

Trad. Italiana: L. CANALI in A. BASTIAENSEN / J. SMIT, *Vita di Martino – Vita di Ilarione – In memoria di Paola*, Vite dei Santi IV, Milano (L. Valla / A. Mondadori) 1975, pp. 13-15.

Nos primeiros dois capítulos, Sulpício descreve brevemente a juventude de São Martinho. O santo rapaz é constrangido pelo pai a entrar no exército, mas nesse ambiente militar comportava-se mais como um monge do que como um soldado. Segue-se em seguida a famosa cena com a partilha do manto com um pobre nu, que, depois, em um sonho, é identificado com o próprio Cristo.

3,1. Assim, um dia, não tendo nada às costas além das armas e de um simples manto de soldado, no auge de um inverno que recrudescia mais asperamente do que de costume, ao ponto de que muitíssimos sucumbiam à violência do gelo, acontece-lhe de encontrar à porta da cidade de Amiens um pobre nu. E visto que ele pedia aos passantes para terem piedade dele, e que todos passavam adiante sem preocupar-se pelo desafortunado, aquele homem cheio de Deus compreendeu que, como os outros se recusavam a um ato de caridade, aquele pobre estava reservado a ele. 2. Mas o que fazer? Não possuía nada além do manto, com o qual estava vestido; de fato, tinha já sacrificado todo o resto em uma igual obra boa. E assim, brandindo a espada que trazia à cintura, dividiu o manto à metade e deu ao seu pobre uma parte, revestindo-se da outra. Nesse meio tempo, alguns espectadores puseram-se a rir, pois o encontraram indecoroso naquela veste mutilada; muitos, porém, de ânimo mais sábio, começaram a gemer profundamente por não ter feito nada de semelhante, já que, possuindo sem dúvida mais do que ele, teriam podido vestir aquele pobre sem reduzir-se à nudez. 3. Por isso, na noite seguinte, estando abandonado ao sono, viu Cristo vestido com a metade do seu manto, com a qual tinha coberto o pobre. Foi-lhe ordenado que examinasse atentamente o Senhor, e que reconhecesse a veste que havia doado.

Logo depois, ouviu Jesus dizer em voz clara à multidão de anjos que estavam em torno a ele: “Martinho, que agora é um catecúmeno, cobriu-me com esta veste”. 4. Sem dúvida, o Senhor lembrava das próprias palavras que há tempos havia proclamado: “Toda vez que ajudastes uma destas minhas humilíssimas criaturas, ajudastes a mim”⁹, declarou que foi vestido na pessoa daquele pobre; e a confirmar o testemunho de uma tão boa obra, Ele não se envergonhou de mostrar-se naquela mesma veste que o pobre havia recebido por doação. (...)

6. Cassiano

Instituições Cenobíticas 12 [420-424]

Trad. italiana: L. DATTRINO, *Giovanni Cassiano: Le Istituzioni cenobitiche*, Scritti Monastici 13, Praglia 1989, pp. 285-286 (os títulos estão omitidos).

A segunda parte das Instituições é dedicada aos oito vícios capitais, ou espíritos maus, segundo o elenco já clássico afirmado, antes de tudo, por Evágrio (Capita practica, 6-14): gula, fornicação, avareza, cólera, tristeza, acédia, vanglória e soberba. A ordem do elenco corresponde à sucessão das tentações que deve enfrentar o monge no progresso espiritual. As primeiras quatro (gula, fornicação, avareza, cólera) são impurezas elementares da concupiscência; depois seguem três defeitos em nível de irascibilidade (cólera, tristeza, acédia), e, finalmente, temos as duas grandes armadilhas (vanglória e soberba), próprias dos que progrediram. Vamos então ler o que diz Cassiano sobre a soberba:

12, 1. O nosso oitavo e último combate é diretamente contra o espírito da soberba. Este mal, por quanto se apresente como conclusivo no conflito contra os vícios e seja posto ao final da ordem dos mesmos vícios, todavia pela sua origem e em razão do tempo, vem colocado em primeiro: é uma fera muito cruel, pronta a agredir e a pegar com os dentes, de maneira ainda mais cruel, aqueles que quase se posicionam no lugar mais alto das virtudes.

⁹ Mt 25,40 (ver também Mt 25,36.43).

2. Temos dois gêneros de soberba: do primeiro já dissemos que agride quantos estão muito avançados nos caminhos do espírito; o outro, ao invés, tem em vista também os principiantes e os carnaís. Ora, se bem que uma e outra forma de soberba se dirijam com perversa arrogância tanto a Deus quanto aos homens, é verdade todavia que a primeira se refere particularmente a Deus, e a segunda propriamente aos homens. Das origens e dos remédios dessa segunda forma de soberba nos propomos a tratar, com a ajuda de Deus e nos limites das nossas possibilidades, na última parte deste livro¹⁰. Agora, em vez disso, queremos tratar brevemente daquela primeira forma, pela qual dizemos virem agredidos os monges que chegaram à perfeição.

3. (...) E agora, para que se possa entender melhor o quanto andamos dizendo, a gulodice, ou seja, a avidez do ventre e a ansiedade da gula, corrompe o rigor da temperança; a luxúria contamina a castidade; a cólera reprime a paciência; tudo isso, porém, de maneira tal que, se alguém cede uma vez a um só vício, não de todo vem a encontrar-se desprovido das outras virtudes, mas apenas daquela que é subtraída pela oposição do vício a ela diretamente contrário, e assim ele consegue conservar e salvar as outras, ao menos em parte. A soberba, ao contrário, uma vez que consegue ocupar a mente de qualquer infeliz, como um tirano extremamente cruel, depois de ter invadido a fortaleza mais elevada da virtude, abate desde os fundamentos toda a cidade e a destrói. Aquelas que uma dia foram as altas muralhas da santidade, são agora reduzidas ao nível terreno dos vícios, e uma vez que a soberba lhes penetra, não permite mais à alma que lhe está subjugada nem mesmo a sobrevivência sequer da imagem da liberdade. Quanto mais profundamente ela se apoderar de uma alma já farta, esta se tornará escrava com uma submissão tanto mais grave até despojá-la de todas as energias virtuosas com uma devastação das mais violentas.

¹⁰ Isto é, na parte final do capítulo XII.

Conferência XIV [426-429]

Trad. italiana: L. DATTRINO, *Giovanni Cassiano: Conferenze ai monaci* 2, Collana di testi patristici 156, Roma (Città Nuova) 2000, pp. 111-112.

Não é possível escolher uma só passagem que seja representativa da inteira obra das Conferências. Todos os aspectos da vida espiritual vêm tratados nos discursos colocados nas bocas dos grandes Anciãos do deserto do Egito. Tomemos aqui um texto da Conferência XIV, no qual Abba Nestor fala da interpretação alegórica das Escrituras. A famosa passagem, que contém um influxo profundo da exegese alexandrina desenvolvidas sobretudo por Orígenes (nas pegadas, seja de Fílon ou de São Paulo), é o primeiro claro testemunho de uma rica tradição exegética no Ocidente, que distingue quatro níveis de interpretação da Bíblia: história (= sentido literal), tropologia (= sentido moral), alegoria (= sentido místico), anagogia (= sentido escatológico). Também os comentários escriturísticos de São Bernardo, sobretudo aquele sobre o Cântico dos Cânticos, fazem parte dessa mesma grande tradição exegética.

8. Retornemos, portanto, à exposição da ciência (*scientia*) com a qual teve início o nosso discurso. Para tanto, como inicialmente havíamos ressaltado, a vida ativa (*praktiké*) considera muitas profissões e compromissos. Ao invés, a vida contemplativa (*theorêtiké*) se subdivide em duas partes, uma que se interessa pela interpretação *histórica* (das Escrituras), e outra pela inteligência *espiritual*. Também Salomão, querendo declarar a graça multiforme da Igreja, assim se exprime: “Todos os seus de casa têm veste dupla”¹¹. Três são os gêneros da ciência espiritual: a *tropologia*, a *alegoria*, e a *anagogia*. Deles nos Provérbios assim é dito: “Escreve estas coisas de três modos sobre a extensão do teu coração”¹². Para tanto, a história abraça o conhecimento das coisas passadas e visíveis, e assim é chamada pelo Apóstolo: “Está escrito, de fato, que Abraão teve dois filhos, um da escrava e um da mulher livre. Mas aquele da

¹¹ Prov 31,21 (LXX).

¹² Prov 22,20 (LXX). Orígenes cita a mesma passagem no mesmo contexto. Ver *De principiis* VI 2,4.

escrava nasceu segundo a carne; aquele da mulher livre, em virtude da promessa”¹³. Pertencem à alegoria as palavras de Paulo que dão seguimento, uma vez que as coisas que realmente aconteceram são expressas de modo a prefigurar a forma de um ulterior *mistério*. Assim, de fato, ele declara: “As duas mulheres representam as duas Alianças; uma, aquela do monte Sinai, que gera na escravidão, é representada por Agar; o Sinai é um monte da Arábia e corresponde à Jerusalém atual que de fato é uma escrava junto aos seus filhos”¹⁴. A *anagogia* é aquela que, partindo dos *mistérios* espirituais, ascende aos segredos do céu mais altos e mais sagrados, e é assim enunciada pelo Apóstolo: “A Jerusalém do alto, porém, é livre e é nossa mãe. Está escrito, de fato: Alegra-te, estéril, que não davas à luz; grita na alegria, tu que não dás à luz, porque muitos são os filhos da abandonada, mais do que aqueles da mulher que tem marido”¹⁵. A *tropologia* é a explicação *moral* que tem por finalidade a emenda da vida e o ensinamento prático, como se como se entendêssemos as duas Alianças, respectivamente, uma como expressão da vida ativa (*praktiké*), e a outra como ciência contemplativa (*theoretica disciplina*), ou ainda, como se nós quiséssemos interpretar Jerusalém e Sion como figuras da alma do homem, segundo a sentença: “Louva, Jerusalém, o Senhor; louva o teu Deus, Sião”¹⁶.

Daí se deduz que, se quiserdes, tomai quatro figuras que convergem para uma só configuração, de modo que a única e mesma Jerusalém possa ser entendida de quatro formas: segundo a *história*, essa será a cidade dos Judeus; segundo a *alegoria* será a Igreja de Cristo; segundo a *anagogia*, será a cidade celeste de Deus, a “mãe de todos nós”¹⁷; segundo a *tropologia* será a alma humana que freqüentemente, com esse nome, ora é criticada, ora é louvada pelo Senhor.

¹³ Gal 4,22-23. Aqui e em seguida Nestor refere-se à passagem na qual o próprio Paulo aplica o método alegórico à interpretação do AT.

¹⁴ Gal 4,24-25.

¹⁵ Gal 4,26-27.

¹⁶ Sl 147,12.

¹⁷ Gal 4,26.

7. Paulono de Nola

Carta 29 (sobre Melania a Anciã) [400]

Trad. italiana: S. SANTANIELLO, *Paulino de Nola: As cartas II*, Napoli / Roma (Libreria Editrice Redenzione) 1992, 151. 165-167.

Vimos uma passagem do elogio de Paula, escrito por Jerônimo. A outra mulher forte que estabeleceu-se na Terra Santa foi Melania, a Anciã, que encontramos quando estávamos falando de Rufino. Paulino de Nola, grande admirador da nobre mulher, escreveu o elogio na sua carta 29, endereçada ao amigo Sulpício Severo. Vejamos dois trechos fortes. No parágrafo 6, Paulino compara a sua heroína com Martinho, e no parágrafo 10, descreve a sua partida ao Oriente.

6. A mim parecerá, além de tudo, que te recompensarei de algum modo, também por aquele teu livro, tão famoso pelo conteúdo e pela eloqüência do seu estilo¹⁸, se me puser a tratar de uma mulher, a qual, ainda que sendo de sexo inferior às virtudes de Martinho, milita todavia por Cristo e, nobre por seus antepassados cónsules, tornou-se mais nobre com o desprezo pela nobreza de sangue.

10. Melania sustentou muitas lutas, também contra o invejoso dragão desde as suas primeiras experiências desta sua milícia cristã. O seu inimigo, de fato, fez-se lívido de inveja, não permitiu que ela andasse com passos fáceis e tranqüilos; mas, servindo-se de toda a potente influência de seus nobres parentes, prontos a lutar para detê-la, procurou impedir a sua escolha de vida e obstaculizar o caminho enquanto já avançava.

Mas ela, tornada já robusta além da potência das tentações, com alegria libertou-se dos vínculos de amor humano e “zarpou” entre o pranto de todos; e, sem recompensa por vencer as ondas do século, enfrentou corajosamente também aqueles mares e se pôs a navegar. E assim, abandonando contemporaneamente a vida do mundo e a pátria, escolheu por dom do Espírito a cidade de Jerusalém, na qual passou um tempo longe do seu corpo, tornando-se exilada dos seus concidadãos e concidadã dos Santos. Com sabedoria e santidade ela

¹⁸ Paulino se refere à *Vida de Martinho*, escrita por Sulpício Severo.

escolheu servir na Jerusalém terrena, que vive a serviço da humanidade, para poder reinar na Jerusalém celeste, que é livre e soberana¹⁹.

8. Agostinho

Confissões VIII-X [397-400]

Traduções italianas: C. CARENA em M. PELLEGRINO (*et al.*), *Sant'Agostino: Le Confessioni, Opere di S. Agostino I/1*, Roma (Città Nuova) 2000⁷ (1965), pp. 233. 249. 333; G. CHIARINI, in *Sant'Agostino: Confessioni*, 5 voll, Milano (Lorenzo Valla), 1992-1997.

As Confissões são uma obra autobiográfica e retrospectiva que Agostinho escreveu entre 397 e 400, já bispo de Hipona e mais de dez anos depois da sua conversão (386). O testemunho das Confissões é colorido sobretudo pelas experiências que Agostinho, como cristão, viveu no período subsequente, mas não obstante isso, elas permanecem a nossa fonte principal da sua vida antes de 387. Nos primeiros dois livros, Agostinho nos descreve a infância e a adolescência. Depois, segue a ampla descrição do processo da conversão nos livros III até VIII: a leitura de Hortensius de Cicerone que despertou nele “o amor pela sabedoria” (= filosofia), mas que não continha o nome de Cristo; a leitura das Sagradas Escrituras com a desilusão pelo seu conteúdo e estilo muito simples e pouco elegante; a seita dos maniqueus que não lhe satisfez; a pregação de Ambrósio baseada sobre a interpretação alegórica, que lhe abriu os olhos. Depois, pôs-se a ler os livros neoplatônicos que lhe ajudaram a suprimir as últimas dificuldades intelectuais para abraçar a fé católica. Estes escritos, porém, não recorrem a Cristo, o qual Agostinho encontrou depois nas cartas de São Paulo. No momento, faltava a preparação moral, isto é, a força de romper totalmente com o antigo modo de viver. Alcançado aquele ponto, ouviu a história do monge Antônio (Antão) da boca de um certo Ponticiano, um oficial da corte imperial.

¹⁹ Ver Gal 4,26s (e as explicações de Cassiano em Concl. XIV,8).

VIII, 6,14. (...) Contou-nos a história de Antônio, o monge egípciano, cujo nome refulgia de clara fama entre os teus servos, mas permanecia, até aquele momento, a nós desconhecido. Quando nos demos conta, alongou-se nos particulares, explicando um tão grande homem para nós que ignorávamos, e espantando-se da nossa própria ignorância, espantamo-nos nós também, a ouvir “as tuas maravilhas”²⁰ assim bem reveladas na reta fé da Igreja Católica, e tão recentes a ponto de serem quase contemporâneas. Todos estávamos maravilhados: nós, de que fossem assim grandes; ele, de que não tivéssemos nunca ouvido falar.

Ponticiano falou também de outros ascetas e do movimento monástico que desde já se havia difundido no Ocidente. Narrou a história de dois colegas que se converteram e abraçaram esse tipo de vida. O efeito sobre Agostinho foi enorme: retirou-se com Alípio, o companheiro, ao jardim da casa onde se encontravam (isto é, em Milão) e ali, depois de ter-se afastado um pouco de Alípio, lutou contra si mesmo por causa de um tremendo conflito interior que parecia não terminar mais; gemia e chorava na amargura de seu coração contrito.

VIII, 12,29. (...) E eis que ouço uma voz como de menino ou menina, não sei, da casa vizinha, que cantando dizia e várias vezes repetia: “Toma e lê; toma e lê” (*Tolle lege; tolle lege*). De repente, virei o rosto e procurei com todas as forças recordar se não havia algum jogo infantil no qual se repetia qualquer coisa de semelhante àquele refrão, mas não lembrava de tê-lo jamais ouvido, e, sufocado o ímpeto das lágrimas, levantei-me interpretando que nada me teria sido ordenado do alto se não abrir o livro²¹ e ler o primeiro parágrafo com o qual me encontrasse. Tinha, de fato, ouvido dizer de Antônio que fora advertido por uma passagem do Evangelho, durante cuja leitura havia chegado inesperadamente, interpretando como dirigido a si mesmo aquilo que se estava lendo: “Vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos

²⁰ SI 144,5.

²¹ Como fica claro a seguir, trata-se de um código com as cartas de São Paulo que Agostinho havia deixado no lugar onde se encontrava Alípio.

pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me”²², e em seguida por tal oráculo a ti se converteu²³. Assim, todo agitado, voltei ao lugar em que estava sentado Alípio; ali, de fato, havia deixado o livro do Apóstolo quando me levantei. Apanhei-o, abri e li em silêncio o primeiro versículo sobre o qual caíram os meus olhos: “Não nas orgias e na embriaguez, não nos abraços e nas impurezas, não na contenda e na inveja, mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer a carne nas suas concupiscências”²⁴. Não quis ler outra vez, nem me era necessário, porque ao final dessa frase, era como se a luz da certeza tivesse penetrado no meu coração. Em um instante, todas as trevas de dúvida desapareceram.

Quando Agostinho revelou a Alípio isso que acontecera, este lhe confessou ter tido um experiência semelhante. Agostinho então leu a seqüência do texto paulino: “E acolhei quem é débil na fé”²⁵, e o dirigiu a si mesmo. Os dois amigos estão, portanto, unidos na conversão definitiva que, para Agostinho, restabeleceu também a relação com a mãe. A primeira parte das Confissões, isto é, a longa história da conversão de Agostinho, termina no livro IX com a narração da morte de Mônica em Ostia. A segunda parte, os livros X-XIII, contém um grande louvor a Deus e à sua criação. Segue ainda no livro X um trecho famoso, do qual vale a pena traduzir também o texto latino:

X, 27,38. Tarde te amei, beleza antiga e sempre nova, tarde te amei! Sim, porque tu estavas dentro de mim e eu fora. Lá te procurava. Disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, e eu não estava contigo. Mantinha-me longe das tuas

²² Mt 19,21.

²³ No início da *Vida de Antônio* lemos que o santo, com dezoito anos, pouco tempo depois da morte dos pais, entra em uma igreja, enquanto está refletindo sobre os apóstolos que deixaram tudo para seguir o Senhor. Precisamente naquele momento, é lida a passagem evangélica aqui citada. Antônio, como se a leitura fosse exatamente para ele, rapidamente sai da igreja e começa a desfazer-se dos bens. Cf. ATANASIO, *Vita Antonii* 2.

²⁴ Rm 13,13-14.

²⁵ Rm 14,1.

criaturas, inexistentes se não existissem em ti. Chamaste-me, e o teu grito rompeu a minha surdez; resplandeceste e o teu esplendor dissipou a minha cegueira; espalhastes a tua fragrância, e respirei e ansiei por ti, provei²⁶ e tive fome e sede²⁷; tocaste-me, e ardi de desejo pela tua paz.

[*Sero te amavi, pulchritudo tam antiqua e tam nova, sero te amavi! Et ecce intus eras te ego foris et ibi te quaerebam et in ista formosa, quae fecisti, deformis inruebam. Mecum eras, et tecum nom eram. Ea me tenebant longe a te, quae si in te non essent, non essent. Vocasti et clamasti et rupisti surditatem meam, coruscasti, splenduidisti et fugasti caecitatem meam, fraglasti et duxi spiritum et anhelum tibi, gustavi et esurio et sitio, tetigisti me et exarsi in pacem tuam.*]

A Regra (Regula ad servos Dei) 1-2 [por volta de 400]

Tradução italiana: C. CARENA, *Sant'Agostinho. Morale e ascetismo cristiano*, Opere di S. Agostino VII/2, Roma (Città Nuova) 2001, pp. 31-33.

1,2. O motivo essencial pelo qual estais juntos reunidos (*in unum estis congregati*) é para que vivais unânimes na casa²⁸ e tenhais unidade de mente e de coração dirigindo-se a Deus²⁹.

1,3. Não digais nunca “é meu”, mas tudo seja comum entre vós. O superior distribua a cada um de vós o alimento e o vestuário³⁰; não, porém, a todos igualmente, porque não tendes todos a mesma saúde, mas a cada um segundo as suas necessidades. De fato, assim ledes nos Atos dos Apóstolos: “Eles tinham tudo em comum e se distribuía a cada um segundo as suas necessidades”³¹.

²⁶ Cf. Sl 34[33], 9; 1Pd 2,3.

²⁷ Cf. Mt 5,6; 1Cor 4,11.

²⁸ Cf. Sl 67,7.

²⁹ Cf. At 4,32.

³⁰ 1Tim 6,8.

³¹ Cf. At 4,32.35.

1,8. Todos, portanto, vivei unânimes e concordes e, em vós, honrai reciprocamente a Deus³², do qual fostes feitos templo³³.

2,1. Dedicai-vos com entusiasmo à oração³⁴ nas oras e nos tempos estabelecidos.

2,2. O oratório seja destinado exclusivamente à intenção para a qual foi feito e que lhe deu o nome. Se, por isso, alguém tendo tempo quisesse rezar também fora das horas estabelecidas, não seja obstaculizado por quem considerou conveniente destinar o oratório a outros fins.

2,3. Quando orardes a Deus com salmos e hinos, meditai no coração sobre aquilo que proferis com a voz.

2,4. E não queirais cantar senão quando é previsto o canto. Evitai, portanto, aquilo que não é destinado ao canto.

9. Lérins

A Regra dos Quatro Padres I,8-18. [em torno a 400]

Tradução italiana: G. TURBESSI, *Regole monastiche antiche*, Roma (Ed. Studium) 1974, pp. 324-325.

[Serapião disse:] (...) – 8. Queremos, pois, que todos os irmãos habitem concordes em uma casa cheia de alegria. 9. É necessário porém mostrar, com a ajuda de Deus, de que modo esta santa concórdia possa constituir-se com um reto ordenamento. 10. Queremos que uma só pessoa seja o líder da santa reunião, 11. e que nenhum se afaste nem mesmo um pouco do seu comando, à direita ou à esquerda, 12. mas todos ali obedeçam com plena submissão e alegria, como a um comando do Senhor, 13. dado que o Apóstolo disse aos hebreus: “obedecei aos vossos dirigentes e sede a eles submissos, porque assim velam sobre vós como que a dar conta de vossas almas”³⁵. 14. Também o Senhor diz: “Não quero o sacrifício,

³² Cf. Rm 15,6.

³³ Cf. 2Cor 6,16.

³⁴ Cf. Col 4,3; Rm 12,12.

³⁵ Hb 13,17.

mas a obediência”³⁶. 15. Aqueles que desejam viver concordes assim agindo, devem, pois, considerar que por meio da obediência Abraão agradou a Deus e foi chamado amigo. 16. Mediante a obediência os próprios Apóstolos mereceram ser testemunhas entre os povos e tribos. 17. Até mesmo o Senhor, descendo das regiões superiores àquelas aqui de baixo, disse assim: “Não vim para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou, o Pai.”³⁷

A obediência, portanto, confirmada por tantos e tão ilustres fatos e testemunhos, seja observada a fundo e com grande empenho.

10. Cesario de Arles

A Regra das Virgens 48-49 (Recapitulação da Regra) [534]

Tradução italiana: G. TURBESSI, *Regole monastiche antiche*, Roma (Ed. Studium) 1974, pp. 356-357.

48,1. Se bem que com a ajuda de Deus, no princípio da fundação do mosteiro, já tivéssemos compilado uma Regra, todavia em seguida, em várias ocasiões, ali fazemos acréscimos e combinações; 2. Ora, depois de ter examinado e experimentado o que estais em grau de executar, definitivamente fixamos uma hora conveniente, segundo o bom senso, possibilidade e santidade. 3. Com base, portanto, em quanto pudemos deduzir de um diligente experimento, a Regra foi por nós moderada, como Deus nos inspirou, de modo que possais integralmente observá-la coma ajuda de Deus. 4. Com isso, na presença de Deus e dos seus anjos, intimamos que nada nele seja ulteriormente mudado ou atenuado.

49,1. Qualquer documento que tenhamos feito anteriormente sobre esse assunto, queremos que seja considerado nulo; este, ao invés, no qual de minha mão escrevi a recapitulação, vos peço e vos advirto de que seja observado com a ajuda de Deus fielmente e alegremente. 2. Invocando sem trégua a ajuda de Deus, a fim de que não vos ponha obstáculo com o seu venenoso conselho o antigo inimigo, o qual já tantas vezes trouxe abaixo do cume do céu até as profundidades do inferno aqueles que com ele concordaram. 3. Vos

³⁶ 1Sm 11,22; Mt 9,13.

³⁷ Jo 8,23.

exorto, então, santos e veneráveis filhos, a esforçar-vos por repelir as suas insinuações com toda a energia e vigilantíssimo cuidado. 4. “E correi com a ajuda de Deus, a fim de alcançar a meta, porque não quem começou, mas quem perseverou até o fim será salvo”³⁸. 5. Sei bem que, santamente devotos como sois, de um lado tendes sempre presente quanto escrevi precedentemente, e ainda vos esforçais por cumpri-lo, com a ajuda de Cristo, não só com fidelidade, mas também com bom êxito. Todavia, a fim de que as nossas deliberações possam fixar-se mais tenazmente no vosso coração, quisemos fazer esta breve recapitulação, que escrevi de minha mão. 7. E peço que Deus vos inspire a recebê-la de bom grado com a sua ajuda.

³⁸ Cf. 1Cor 9,24; Mt 24,13.

INDEX

LITERATURA MONÁSTICA LATINA	1
LITERATURA MONÁSTICA LATINA DOS PRIMEIROS	
SÉCULOS	2
1. Atanásio.....	2
2. Jerônimo	3
Epistula 108 (Em memória de Paula) [404]	5
3. Egeria	6
4. Rufino di Aquileia [também: Rufino de Concórdia, ou: Tirano Rufino]	7
5. Sulpício Severo	9
6. Cassiano	10
Conferência XIV [426-429]	12
7. Paulono de Nola	14
8. Agostinho	15
A Regra (<i>Regula ad servos Dei</i>) 1-2 [por volta de 400]	18
9. Lérins.....	19
10. Cesario de Arles	20